ISSN: 2358-8829

ENTRE IMAGENS E NARRATIVAS HISTÓRICAS: O USO DE FOTOGRAFIAS COMO FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Letícia Albuquerque Sousa [1]
Antônio Israel de Oliveira Silva [2]
Júlia Camilly Morais Arruda [3]
Patrícia Cristina Aragão [4]

INTRODUÇÃO

Este artigo discute o uso de fotografias como fonte histórica no ensino de História, especialmente no âmbito do Ensino Médio, considerando as possibilidades pedagógicas das imagens para a construção do conhecimento histórico escolar e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Parte-se da compreensão de que o ensino de História não deve se limitar à transmissão de conteúdos previamente estabelecidos, mas também proporcionar aos estudantes condições para analisar, interpretar e problematizar diferentes fontes históricas. Nessa perspectiva, a fotografia se apresenta como um recurso capaz de ampliar as possibilidades de abordagem dos conteúdos históricos, permitindo investigar aspectos sociais, culturais e políticos de diferentes contextos.

Entretanto, a utilização de fotografias no ensino de História exige superar sua compreensão como mera ilustração dos conteúdos, que são apresentados nos livros didáticos. Embora frequentemente utilizadas como complementos visuais, as imagens constituem documentos produzidos em circunstâncias históricas específicas, atravessados por escolhas, intencionalidades e relações de poder. Desse modo, sua interpretação requer contextualização e problematização, considerando tanto os elementos representados quanto as condições de produção, circulação e preservação dos registros fotográficos. Assim, trabalhar com fotografias em sala de aula significa possibilitar aos estudantes o contato com diferentes formas de representação do passado e estimular uma postura investigativa diante das fontes.

[1] Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, leticia.albuquerque@aluno.uepb.edu.br;
[2] Graduando pelo Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, israel.o@aluno.uepb.edu.br;
[3] Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, julyamorais004@gmail.com;
[4] Professora do Departamento de História na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, Historiadora e Doutora em educação pela UFPB, Pós-Doutora em História pela UFCG, patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br;

ISSN: 2358-8829

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo analisar as possibilidades de utilização da fotografia como fonte histórica no ensino de História, refletindo sobre suas contribuições para a construção do saber histórico escolar e para o desenvolvimento da leitura crítica dos estudantes. Busca-se, ainda, compreender a importância da mediação docente nesse processo, considerando que a análise das imagens não ocorre de maneira espontânea, mas exige orientações que possibilitem questionar seus significados, identificar suas intencionalidades e estabelecer relações com outros registros históricos. A relevância dessa discussão reside, portanto, na necessidade de ampliar as práticas pedagógicas para além da exposição de conteúdos, valorizando diferentes linguagens e procedimentos de investigação histórica.

Conclui-se, portanto, que a utilização da fotografia como fonte histórica ultrapassa sua função ilustrativa e representa uma possibilidade de ampliar as práticas de ensino e aprendizagem em História. Quando acompanhada de problematização, contextualização e análise crítica, a imagem contribui para a formação de estudantes capazes de interpretar diferentes representações do passado e compreender os processos de construção do conhecimento histórico, fortalecendo, assim, o caráter crítico e reflexivo do ensino de História.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir da leitura e análise de produções teóricas que discutem a fotografia como fonte histórica e suas possibilidades de utilização no ensino de História. Essa escolha metodológica justifica-se pela intenção de compreender as contribuições da linguagem fotográfica para a construção do conhecimento histórico escolar, considerando suas dimensões documentais, culturais e pedagógicas.

Inicialmente, realizou-se o levantamento e a seleção de obras relacionadas à fotografia, à memória, à cultura visual e ao ensino de História. Para fundamentar a discussão, foram consideradas, especialmente, as contribuições de Boris Kossoy, Peter Burke, Jacques Le Goff, Ana Maria Mauad e Circe Bittencourt. Esses autores possibilitam discutir diferentes aspectos da temática, desde a compreensão da fotografia como documento historicamente produzido até suas relações com a memória, as representações sociais e as práticas de ensino.

Por fim, a partir da articulação entre os referenciais estudados, foram discutidas as possibilidades de abordagem crítica das fotografias no contexto escolar, considerando aspectos como a contextualização, a identificação das condições de produção e circulação das imagens, a problematização de seus elementos visuais e o diálogo com outras fontes históricas. Desse

ISSN: 2358-8829

modo, a pesquisa busca refletir sobre as contribuições desse recurso para um ensino de História mais investigativo e fundamentado na interpretação crítica dos documentos, sem desconsiderar os limites e as intencionalidades que atravessam a produção dos registros fotográficos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A consolidação da fotografia como fonte legítima de investigação histórica representa uma transformação importante na historiografia contemporânea. Ao longo do século XX, a ampliação dos objetos e métodos de pesquisa contribuiu para questionar a primazia dos documentos escritos oficiais e incorporar outras linguagens e vestígios da experiência humana. Nesse contexto, as imagens passaram a ser reconhecidas como fontes capazes de revelar aspectos da vida social que nem sempre eram contemplados pelos registros tradicionais.

Conforme as reflexões de Peter Burke sobre o testemunho das imagens, as fontes visuais ampliam as possibilidades de investigação histórica, especialmente no estudo da cultura material, da vida cotidiana, das sensibilidades e das relações sociais. Entretanto, como destaca Boris Kossoy, as fotografias foram frequentemente reduzidas à condição de ilustrações dos textos escritos, recebendo uma função secundária na produção do conhecimento histórico. Para superar essa perspectiva, é necessário reconhecer a imagem como documento dotado de características próprias, cuja interpretação demanda procedimentos específicos de análise e contextualização.

Um dos principais desafios dessa abordagem consiste em superar a concepção da fotografia como reprodução neutra e objetiva da realidade. Desde o surgimento dos processos fotográficos no século XIX, a relação física entre a luz e a formação da imagem contribuiu para alimentar a crença de que o registro reproduziria fielmente o mundo. Essa concepção aproxima-se das reflexões de André Bazin sobre a relação entre a imagem fotográfica e seu referente. Contudo, como argumenta Kossoy, a fidelidade visual não garante o acesso direto à verdade histórica: a fotografia constitui uma representação bidimensional, estática e fragmentária, produzida a partir de um recorte temporal e espacial da realidade.

Nesse sentido, a fotografia é simultaneamente testemunho e criação. Embora forneça indícios sobre a cena registrada, também expressa as escolhas e perspectivas de quem a produziu. O enquadramento, o ângulo, a iluminação e a seleção dos elementos representados interferem na construção da imagem, que pode ainda estar condicionada por interesses políticos, econômicos e institucionais. Como discutem Burke e Kossoy, portanto, não existe uma câmera inteiramente neutra: mesmo os registros aparentemente objetivos são atravessados por decisões

ISSN: 2358-8829

humanas. Desconsiderar essas mediações pode conduzir àquilo que Kossoy denomina “ficção documental”, quando a aparência de realidade da fotografia é confundida com uma representação integral e incontestável do passado.

A compreensão da fotografia como representação historicamente situada pode ser aprofundada pelo conceito de documento/monumento, desenvolvido por Jacques Le Goff. Em sua crítica à tradição positivista, o autor demonstra que os documentos não constituem testemunhos neutros, mas produtos das sociedades que os produziram e preservaram, conforme as relações de força e os interesses existentes em cada contexto histórico. Como afirma:

> “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. [...] O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, determinada imagem de si próprias.”(LE GOFF, 1990).

Aplicada à fotografia, essa perspectiva permite compreender que a produção e a preservação das imagens participam da construção da memória coletiva. Os registros fotográficos podem contribuir para legitimar representações sociais, perpetuar narrativas dominantes e construir determinadas imagens do passado. Assim, sua análise exige investigar não apenas o conteúdo visual, mas também as condições de produção, circulação e preservação dos documentos.

Essa discussão aproxima-se das reflexões de Ana Maria Mauad sobre a fotografia pública, entendida a partir de sua produção e circulação no espaço social por agentes e instituições, como órgãos estatais e veículos de imprensa. Essas imagens participam da construção da opinião pública e da consolidação de representações coletivas, podendo produzir aquilo que se denomina “foto-ícones”, que são registros que se fixam no imaginário social como sínteses visuais de acontecimentos históricos.

Entretanto, mesmo quando produzida para sustentar determinada narrativa, a fotografia pode apresentar elementos que ultrapassam as intenções de seus autores. Detalhes periféricos, expressões e objetos podem revelar contradições e tensões sociais que não ocupavam o centro da representação. Nessa perspectiva, as noções de “excesso” e “descarte”, associadas à discussão de Mauad, permitem problematizar os silêncios e as ambiguidades das imagens, contribuindo para investigar aspectos que escapam ao discurso oficial.

No âmbito privado, os álbuns familiares também participam da construção da memória. As fotografias preservam experiências e trajetórias individuais, mas sua seleção e organização podem privilegiar narrativas de felicidade, integração e continuidade, enquanto conflitos e

ISSN: 2358-8829

dificuldades permanecem ausentes. A partir das reflexões de Le Goff sobre a memória e de Pierre Bourdieu sobre as práticas fotográficas familiares, é possível compreender esses álbuns como formas de organização seletiva do passado, que expressam valores sociais e contribuem para a construção das identidades familiares.

Dessa maneira, as contribuições de Le Goff, Mauad e Bourdieu evidenciam que a fotografia não é apenas um registro visual, mas também um instrumento de construção da memória e de representação das relações sociais. Tanto na esfera pública quanto na privada, as imagens resultam de escolhas que influenciam aquilo que será lembrado, preservado ou silenciado.

A utilização da fotografia na investigação histórica exige procedimentos metodológicos que ultrapassem a simples descrição de seus elementos visuais. Por registrar um fragmento específico da realidade, a imagem não apresenta, isoladamente, a totalidade dos acontecimentos nem permite reconstruir integralmente os processos históricos. Por isso, sua interpretação deve considerar os limites do documento e as condições em que foi produzido.

Nesse sentido, a confrontação de fontes constitui um procedimento fundamental, conforme as discussões de Circe Bittencourt sobre o trabalho com documentos no ensino de História e as reflexões de Kossoy e Burke sobre a análise das imagens. A fotografia deve ser colocada em diálogo com outros registros, como relatórios oficiais, legislação, artigos de jornais, cartas, diários, documentos judiciais e relatos orais. Esse cruzamento permite identificar aproximações, divergências, contradições e possíveis manipulações, ampliando as possibilidades de interpretação histórica.

Também é necessário investigar a trajetória documental da fotografia, identificando, sempre que possível, sua autoria, data, local de produção, acervo de preservação e meios de circulação. Legendas e textos que acompanham as imagens igualmente precisam ser considerados, pois podem orientar sua leitura e modificar os sentidos que lhes são atribuídos. Além disso, a comparação entre séries fotográficas produzidas em diferentes períodos possibilita observar transformações e permanências nos espaços, nas práticas e nas relações sociais.

Portanto, a fotografia apresenta limitações, mas oferece possibilidades importantes para a produção do conhecimento histórico. Seu valor não reside em revelar o passado de maneira transparente, mas em fornecer indícios sobre como os sujeitos históricos representaram a si mesmos, organizaram seus espaços e construíram suas relações sociais e políticas. As contribuições de Kossoy e Burke sobre a imagem como testemunho e representação, de Le Goff acerca das relações entre documento, memória e poder, de Mauad sobre a fotografia pública e

ISSN: 2358-8829

de Bittencourt sobre o trabalho com documentos fundamentam, assim, uma abordagem crítica da fonte fotográfica. Essa perspectiva permite compreender a imagem não como mera ilustração do texto escrito, mas como um documento que exige contextualização, problematização e confronto com outras evidências, estabelecendo assim, as bases para discutir suas possibilidades no ensino de História.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A passagem da fotografia da condição de mero recurso ilustrativo para a de fonte histórica autônoma, estabelece um divisor de águas na investigação historiográfica e no ensino de História. Historicamente, a tradição logocêntrica conferia ao texto escrito a primazia absoluta da prova documental, confinando as imagens ao papel secundário de adornos estéticos, descansos visuais ou confirmações redundantes daquilo que a palavra já havia afirmado. Ao ser alçada ao estatudo de documento-fonte, a fotografia deixa de ser encarada como uma “janela transparente” para o passado e passa a ser problematizada como um artefato cultural complexo, denso em intenções, escolhas e significados.

Quando assumida como evidência histórica, a fotografia expande o horizonte da pesquisa ao capturar microaspectos da realidade visível que frequentemente escaparam aos registros administrativos e oficiais. O documento fotográfico preserva a memória visual dos cenários urbanos e rurais, da cultura material, da arquitetura, do vestuário e das transformações tecnológicas de uma época. Além de registrar grandes acontecimentos públicos e rituais de Estado, a imagem fotográfica possui uma vocação democratizadora singular: ela permite construir uma "história a partir de baixo". Por meio das lentes, tornam-se visíveis os sujeitos comuns, os trabalhadores, os grupos marginalizados, as mulheres e as crianças, cujas vivências cotidianas, gestos, expressões e formas de sociabilidade não costumavam figurar nos documentos textuais tradicionais

Isto é, a fotografia documenta tanto a esfera pública, como as manifestações políticas, intervenções urbanas, conflitos e dinâmicas do trabalho, quanto a esfera privada, expressa em retratos de estúdio e álbuns de família que revelam ritos de integração, padrões de comportamento e sensibilidades de um tempo. Dessa forma, ela não apenas fornece dados sobre o que ocorreu, mas atesta como os sujeitos históricos ocupavam o espaço social e performavam suas identidades.

ISSN: 2358-8829

Além disso, a virada crítica no estudo da iconografia exige a desconstrução do "mito do espelho do real". Devido à sua gênese físico-química e mecânica, a fotografia alimentou por muito tempo a ilusão de ser uma reprodução neutra, objetiva e automática da natureza, o "lápis da natureza". No entanto, a imagem fotográfica não é a realidade em si, mas sim a criação de uma "segunda realidade", uma representação plástica bidimensional, estática e descontextualizada, resultante de um corte temporal e espacial operado no fluxo contínuo da vida.

O fotógrafo atua como um verdadeiro filtro cultural e ideológico. Diante do visível, ele realiza escolhas deliberadas, seleciona o que incluir e o que excluir do enquadramento, determina o ângulo de tomada, manipula a iluminação, o foco e a profundidade de campo, e frequentemente orienta a pose, o vestuário e a disposição dos sujeitos em cena. Mesmo nas chamadas fotografias documentais ou jornalísticas, a cena é fruto de um olhar engajado e de intenções prévias.

Por ser um fotograma congelado e isolado no tempo, a fotografia é uma fonte fragmentária e descontínua que não "fala por si só". Pretender extrair a verdade de um fato a partir da observação exclusiva de uma imagem isolada pode conduzir à "ficção documental" ou a interpretações equivocadas. Para que a fotografia se converta em meio rigoroso de conhecimento, ela precisa ser submetida a um método sistemático de crítica e interpretação.

A hermenêutica da imagem exige articular o exame da matéria e o exame da expressão, a análise iconográfica do conteúdo, com a reconstrução do circuito social do documento. É indispensável rastrear a biografia da fotografia: identificar a autoria, a data, o local, a instituição ou acervo de guarda, bem como os veículos em que circulou, como os jornais, revistas, cartões-postais, relatórios, e as legendas ou textos que a acompanharam, os quais frequentemente orientavam ou alteravam a sua leitura.

Portanto, o procedimento metodológico decisivo consiste na confrontação de fontes. O historiador deve cruzar o documento fotográfico com fontes escritas, como a legislação, relatórios, artigos de imprensa, diários, relatos de memória oral e séries iconográficas de longa duração. Esse cruzamento de evidências permite identificar encenações, retocar rasuras ideológicas, decifrar ausências e omissões deliberadas e trazer à tona os significados implícitos e imateriais que permanecem ocultos sob a superfície da imagem.

Assim, a transformação da análise de fotografias em uma prática efetiva de construção do conhecimento histórico escolar exige superar a longa tradição que confina a imagem à condição de mero descanso visual, adorno estético ou ilustração redundante do texto escrito. Nos livros didáticos e no cotidiano das salas de aula, as fotografias frequentemente aparecem

ISSN: 2358-8829

desprovidas de legendas explicativas, dados de autoria ou indicação dos acervos de guarda, sendo recebidas pelos estudantes como "janelas transparentes" que revelariam o passado tal como ele supostamente aconteceu. Para reverter esse diagnóstico e converter o artefato iconográfico em um documento-fonte gerador de aprendizagem significativa, a mediação pedagógica do professor desempenha um papel insubstituível. O conhecimento histórico escolar não se produz de forma espontânea diante da simples contemplação da imagem; ele resulta de um processo ativo de conceituação, problematização e investigação guiado pela intervenção docente.

A organização da atividade pedagógica deve ter início na seleção criteriosa do material iconográfico, deslocando os alunos de uma postura passiva de leitores para uma atitude investigativa. Ou seja, em vez de sobrecarregar os estudantes com um volume excessivo de imagens secundárias, recomenda-se trabalhar com "imagens fortes", capazes de provocar impacto visual, despertar a curiosidade e formular questões substantivas, ou com séries fotográficas estruturadas em torno de um problema histórico definido. A partir dessa escolha, o professor organiza a mediação em dois momentos analíticos complementares: a análise interna e a análise externa da fotografia. Na etapa da análise interna, orienta-se a observação minuciosa dos elementos icônicos que compõem o quadro, investigando a disposição dos sujeitos, as posturas corporais, os vestuários, a cultura material, o enquadramento, os jogos de luz e, sobretudo, os detalhes periféricos e ausências deliberadas que escaparam ao controle da cena.

Na etapa da análise externa, a mediação pedagógica conduz os alunos à investigação da "biografia" da imagem e de suas condições de produção. O professor formula perguntas operatórias que desconstruam o "efeito de realidade" e o mito da neutralidade fotográfica, estimulando os estudantes a questionar quem foi o fotógrafo enquanto filtro cultural, para quem a foto foi tirada, sob quais condicionantes técnicos ou ideológicos ela foi produzida e por quais circuitos de difusão e arquivamento ela passou até chegar ao material escolar. O potencial cognitivo dessa prática atinge seu ponto alto no procedimento de confrontação de fontes: a fotografia não deve ser analisada isoladamente, mas sim colocada em diálogo sistemático com textos historiográficos, matérias de imprensa, documentos escritos oficiais, depoimentos orais e outras representações visuais. Esse cruzamento de evidências revela aos alunos as contradições, as encenações e as intenções subjacentes ao registro visual, permitindo a apreensão de conceitos históricos fundamentais.

Por fim, o trabalho pedagógico mediado com fotografias contribui para a formação da temporalidade e da consciência histórica crítica dos estudantes. O uso de séries fotográficas

ISSN: 2358-8829

temporais de um mesmo espaço urbano ou rural permite aos alunos visualizar concretamente os ritmos de mudança e permanência na paisagem social, enquanto a análise de coleções de fotografia local ou familiar conecta as vivências individuais e cotidianas às grandes dinâmicas da história geral. Dessa forma, ao ensinar os estudantes a interrogarem as fotografias do passado com rigor metodológico e desconfiança crítica, a mediação docente promove uma verdadeira alfabetização visual. Essa alfabetização não apenas amplia o contato dos alunos com linguagens diversificadas, mas também os instrumentaliza para desconstruírem autonomamente os discursos e as mídias visuais que os cercam na sociedade contemporânea, consolidando a função social e emancipadora do ensino de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as possibilidades de utilização da fotografia como fonte histórica no ensino de História, considerando suas contribuições para a construção do conhecimento histórico escolar e para o desenvolvimento da leitura crítica dos estudantes. A partir das discussões teóricas realizadas, compreende-se que a fotografia constitui um importante recurso para a investigação histórica, uma vez que possibilita o acesso a representações de diferentes sociedades, experiências sociais e aspectos culturais e políticos de determinados contextos. Entretanto, seu potencial educativo depende da compreensão de que as imagens não são registros neutros ou reproduções transparentes da realidade, mas documentos produzidos a partir de escolhas, intencionalidades e condições históricas específicas.

Nesse sentido, as contribuições de Boris Kossoy e Peter Burke permitem compreender que a análise fotográfica exige ultrapassar aquilo que se encontra imediatamente visível na imagem, considerando suas condições de produção, seus elementos constitutivos e os contextos aos quais está relacionada. De modo complementar, as reflexões de Jacques Le Goff e Ana Maria Mauad possibilitam reconhecer as relações entre fotografia, memória e poder, evidenciando que a produção, a circulação e a preservação das imagens participam da construção de representações sobre o passado. Dessa forma, a fotografia não apenas registra determinados acontecimentos, mas também pode expressar perspectivas particulares, destacar experiências e contribuir para a valorização ou o silenciamento de sujeitos e grupos sociais.

No âmbito do ensino de História, essas discussões reforçam a necessidade de superar a utilização das fotografias como meras ilustrações dos conteúdos apresentados em livros didáticos ou exposições docentes. Conforme a perspectiva de análise dos documentos históricos

discutida por Circe Bittencourt, o trabalho pedagógico com imagens deve favorecer sua problematização e contextualização, considerando os objetivos de sua produção, os sujeitos envolvidos, as circunstâncias históricas e os significados que podem ser atribuídos aos registros. Além disso, o diálogo entre fotografias e outras fontes contribui para ampliar as possibilidades de interpretação e para compreender que o conhecimento histórico é construído por meio da investigação, da análise e do confronto entre diferentes evidências.

Diante disso, a utilização crítica da fotografia pode favorecer práticas pedagógicas mais investigativas e participativas, nas quais os estudantes sejam incentivados a formular questionamentos, observar os elementos visuais, identificar representações e relacionar as imagens aos processos históricos estudados. Para tanto, a mediação docente assume papel fundamental, uma vez que a simples exposição de fotografias não garante sua interpretação crítica. Cabe ao professor orientar a análise, apresentar informações contextuais e propor questões que permitam aos estudantes reconhecer tanto as possibilidades informativas das imagens quanto seus limites e silêncios.

> Por fim, conclui-se que a fotografia representa uma possibilidade significativa para ampliar as linguagens e os procedimentos mobilizados no ensino de História, contribuindo para uma compreensão mais crítica das representações do passado e dos processos de construção do conhecimento histórico. Sua utilização pedagógica, contudo, exige planejamento, contextualização e problematização, de modo que as imagens sejam tratadas como documentos a serem investigados, e não apenas como recursos de apoio à exposição dos conteúdos.

Palavras-chave: Ensino de História, Fotografia, Fontes Históricas, Cultura Visual, Pensamento Histórico.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. 2ª ed., São Paulo: **Cortez Editora**, 2008.

Burke, Peter. Testemunha Ocular: História e imagem. Bauru: **Edusc**, 2004.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4. ed. São Paulo: **Ateliê Editorial**, 2012.

Le Goff, Jacques. História e Memória. Campinas: **Editora da UNICAMP,** 1990.

MAUAD, Ana Maria. Usos e Funções da Fotografia Pública no Conhecimento Histórico Escolar. **Hist. Educ**., Porto Alegre. v.19, n. 47, p.81-108, set./dez.,2015.

ISSN: 2358-8829